

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM CICLOS DE ALFABETIZAÇÃO E O USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Yasmin Nascimento da Silva; Joseval dos Reis Miranda

Graduada em Pedagogia, UFPB – Campus I yasminnascimento@yahoo.com.br; Doutor em Educação, Professor da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, josevalmiranda@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo principal compreender como as professoras do ciclo de alfabetização na organização do seu trabalho pedagógico utilizam os gêneros textuais em sala de aula no processo de alfabetização e letramento. Tivemos como objetivos específicos identificar e analisar qual a concepção sobre a utilização dos gêneros textuais no processo de alfabetização e letramento na visão das professoras dos ciclos de alfabetização e analisar de que forma é organizada e desenvolvida a aula pelas professoras no ciclo de alfabetização ao utilizar os gêneros textuais. As interlocutoras da pesquisa foram professoras do segundo e terceiro anos de uma escola municipal de João Pessoa. Como metodologia de pesquisa, foi priorizada a abordagem qualitativa, fazendo uso das ferramentas de observação e entrevista semiestruturada. Buscamos apoio nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1992), Bakhtin (2000), Schneuwly e Dolz (2004), entre outros. Os resultados da pesquisa apontam que de acordo com o que foi observado na instituição onde foi realizada a pesquisa, o uso dos gêneros textuais ainda não é tão frequente, e poderia ser mais explorado no dia a dia dos alunos, priorizando suas vivências e fazendo ligação com os conteúdos ministrados pelas professoras em sala de aula; diante das observações feitas nas duas salas, o uso dos gêneros é diferenciado, pois percebemos realidades diferenciadas com relação à inserção dos gêneros, pois das duas professoras observadas, apenas uma incluía os gêneros textuais em sua aula e claramente observamos resultados positivos com relação à leitura e escrita das crianças.

Palavras-chave: Ciclo de Alfabetização. Alfabetização e letramento. Gêneros Textuais. Organização do trabalho pedagógico.

1 Introdução

Os gêneros textuais são classificações de textos de acordo com o objetivo e o contexto em que são empregados. Atualmente, o uso dos gêneros textuais em sala de aula propiciam bons resultados com relação à alfabetização de crianças em ciclos de alfabetização. Diante disso, resolvemos nos aprofundar mais sobre esse assunto, já que foi perceptível diante nossas observações em dois Estágios Supervisionados que é difícil encontrarmos planejamentos que contemplem o uso dos gêneros textuais nos ciclos de alfabetização.

Muitas vezes percebemos a utilização dos gêneros textuais em sala de aula de maneira equivocada, ou que os professores não oferecem aos seus alunos uma proposta de ensino diversificada e continua com sua aula tendo como base apenas o livro didático. Os gêneros textuais, quando utilizados de maneira que incentive os alunos, despertará o interesse da criança e facilitará o processo de ensino e aprendizagem, pois o professor trabalhará com gêneros com que a criança se identifica e ela terá prazer em aprender.

O interesse por esse assunto surgiu por alguns conteúdos estudados nas aulas de Organização e Prática do Ensino Fundamental, onde estudamos alguns autores e percebemos a importância da utilização desse recurso em ciclos de alfabetização e quanto à criança aprende por meio do uso dos mesmos.

Muitas pessoas querem ser alfabetizadas, porém o acesso à alfabetização, na maioria das vezes, não é como o previsto. Alguns educadores utilizam métodos considerados ultrapassados que tornarão seus alunos leitores sem senso crítico, mas, muitas vezes por falta de formação continuam utilizando. Quando um aluno não consegue acompanhar a metodologia que o professor utiliza para alfabetizar, acham que a única solução é desistir de aprender a ler e a escrever. É comum crianças ficarem frustradas por não conseguirem ser alfabetizadas e acabam criando uma aversão à escola e a estudar.

Para nós educadores e futuros educadores, pensar sobre a alfabetização tem que ser levado a sério. É papel de o educador iniciar o processo de aquisição da leitura e escrita na criança. Diante disso, ter uma formação continuada é fundamental, para que possa melhorar a sua prática pedagógica.

Não podemos deixar de ressaltar que muitas crianças não possuem uma diversidade de textos em casa, porém, os gêneros estão presentes no dia a dia de todas. Diante disso é fundamental que na escola o aluno possa ter conhecimento sobre os gêneros. É imprescindível que o educador alfabetize no contexto do letramento, que só assim o aluno estará apto a responder às demandas que a sociedade necessita.

O ambiente em que o aluno aprende também influencia diretamente no seu processo de aquisição de conhecimento. Com isso percebemos o quão importante é que o professor consiga montar um ambiente alfabetizador que contribua com o processo de ensino e aprendizagem.

Quando o educador resolver utilizar os diversos gêneros textuais em sala, não estará só contribuindo para o processo de alfabetização, mas estará também incentivando o gosto pela leitura, trabalhando a memorização de histórias e treinando o domínio da escrita.

2 Organização do trabalho pedagógico em ciclos de alfabetização e usos dos gêneros textuais

A educação escolar é trazida como principal fonte que os alunos possuem para adquirir saber formal. Diante disso, podemos perceber o quanto é importante os profissionais de educação

possuir uma formação adequada. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96, a educação básica é dividida em 3 (três) níveis, são eles: Educação Infantil, o segundo é o Ensino Fundamental e por fim o Ensino Médio. Tem por objetivo principal “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no seu trabalho e em estudos futuros” (BRASIL, 1996).

Quando falamos em ciclo de alfabetização, nos referimos a um bloco pedagógico ou um ciclo sequencial não passível de interrupção que se desenvolve nos três anos iniciais do Ensino Fundamental, e tem por objetivo voltado para ampliar a todos os alunos as oportunidades de desenvolvimento e aprofundamento das aprendizagens básicas. Para Lima (2002):

Educação por ciclos de formação é uma organização do tempo escolar de forma a se adequar melhor às características biológicas e culturais do desenvolvimento de todos os alunos. Devemos ter cuidado e pensar que educação como ciclo de formação: não significa, portanto, dar mais tempo para os mais fracos, mas antes disso, é dar o tempo adequado para todos (LIMA, 2002, p.9).

O ciclo de alfabetização foi criado pelo Ministério da Educação (MEC), com o objetivo de ampliar o Ensino Fundamental para nove anos, em decorrência da Lei 11.274, de 06/02/2006. Começou a ser discutido em 2004, mas o programa só teve início em algumas regiões a partir de 2005. O prazo para que o ensino fundamental fosse de nove anos em todo o Brasil foi até 2010.

Esse novo ensino fundamental, passou a atender em seu primeiro ano crianças com idade de seis anos. A maioria das crianças acolhidas chega à escola em boa parte das vezes sem nenhuma vivência escolar recebida anteriormente. A escola adquiriu um novo desafio em atender crianças sem nenhuma experiência escolar e ter o papel de colaborar de forma significativa para garantir o seu acesso qualificado ao mundo da escrita e à cultura letrada em que vivemos.

A organização do trabalho pedagógico no ciclo de alfabetização em sala de aula requer preparação, por parte do professor alfabetizador, que tem que preparar suas aulas de acordo com a necessidade da turma, levando em consideração a heterogeneidade de sua sala de aula e que os conteúdos sejam ministrados de forma que sejam significativos para seus alunos. O trabalho pedagógico é todo o trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula. Segundo Bolzan (2011):

No que se refere ao trabalho pedagógico, este diz respeito aos

processos envolvidos na prática docente em ação, envolvendo os modos de organização e reorganização das estratégias didáticas. [...] O trabalho pedagógico revela a reflexão e o constante redimensionar das ações pedagógicas desenvolvidas pelos professores como condição da assunção da autonomia e do protagonismo docente (BOLZAN, 2011, p. 21).

Ou seja, o professor é papel fundamental na organização do trabalho pedagógico em ciclos de alfabetização e através da sua organização de aulas e atividades e até mesmo pela maneira na qual exerce docência vai influenciar seu modo de ser como profissional em sala de aula irá refletir diretamente em sua autonomia docente em gerir sua própria identidade profissional.

O professor possui papel importante na organização escolar, é ele quem está presente em sala de aula acompanhando o progresso de cada aluno. E ele quem está formando e educando os alunos em sala de aula, transmitindo saber formal, e colocando em prática todas as diretrizes e objetivos educacionais, pois, “o trabalho na sala de aula é a razão de ser da organização e da gestão” (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2012, p. 430).

“O planejar é uma realidade que acompanhou a trajetória histórica da humanidade. O homem sempre sonhou, pensou e imaginou algo na sua vida” (MENGOLLA, SANT’ANNA, 2001, p.15). Diante dessa afirmação sobre o planejamento podemos perceber que este é uma necessidade constante em todas as áreas da atividade humana. Planejar é averiguar uma realidade e prever alternativas de ação para contornar as dificuldades ou alcançar os objetivos almejados. Podemos citar isso como item fundamental e indispensável na organização do trabalho pedagógico em ciclos de alfabetização.

O professor que deseja realizar uma boa atuação docente sabe que deve participar, elaborar e organizar planos em diferentes níveis de complexidade para atender, em classe, seus alunos. Pelo envolvimento no processo ensino- aprendizagem, ele deve estimular a participação do aluno, a fim de que este possa, realmente, efetuar uma aprendizagem tão significativa quanto o permitam suas possibilidades e necessidades. O planejamento, neste caso, envolve a previsão de resultados desejáveis, assim como também os meios necessários para alcançá-los. A responsabilidade do mestre é imensa. Grande parte da eficácia de seu ensino depende da organicidade, coerência e flexibilidade de seu planejamento (TURRA, 1995, p. 18-19).

Para cumprir com a função didática, o professor é o responsável pelo planejamento, organização, direção e avaliação das atividades que fazem parte do processo de ensino aprendizagem, na qual considera a aula como a forma importante, mas não exclusiva, de onde é predominante o processo de ensinar e aprender, onde se criam, se desenvolvem e se transformam as condições necessárias para que os estudantes assimilem habilidades, conhecimento e atividades, na qual estará

desenvolvendo competências tanto no âmbito profissional quanto no pessoal.

O tempo escolar é o tempo que o aluno passa na escola, que vai desde a entrada até a saída daquela criança. O professor tem que saber utilizar de maneira adequada e proveitosa. Que com base em seu planejamento, seja possível cumprir seu cronograma atingindo os objetivos propostos e que venha obter resultados satisfatórios em sua turma.

Para um bom aproveitamento de seu trabalho em ciclos de alfabetização, o professor tem que saber fazer um bom planejamento e executá-lo de maneira correta em sala de aula. A rotina escolar está inserida nesse contexto. Quando o professor consegue cumprir seus objetivos diários ele teve que fazer um planejamento prévio de como seria seu dia. E pensar em como resolver as possíveis modificações que irão surgir durante sua aula. Até por que nenhum plano de aula será seguido de maneira imutável, planos de aula sofrem modificações ao longo de sua aplicação. Ostetto (2007) destaca que:

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar elaborar um roteiro pra empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiência múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma fôrma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica (OSTETTO, 2007, p.177).

A rotina escolar deve ser adaptada ao longo do tempo que o aluno fica na escola. Muitas pessoas associam rotina escolar a hábitos mecânicos que serão repetidos dia após dia, mas não podemos pensar assim, pois a rotina possibilita à criança segurança e domínio do espaço e do tempo que passa na escola e orienta o trabalho do professor em seu dia a dia.

Quando refletimos sobre o conceito de tempo, podemos perceber que existe o tempo cronológico e o psicológico, onde podemos perceber que o psicológico passa mais depressa, pois estamos fazendo algo que gostamos, e assim que tem que ser passado o tempo na escola. De maneira que os alunos sintam-se bem nas atividades a serem desenvolvidas e que consigam aprender de maneira que não seja cansativa. A organização do ambiente tem contribuição direta com a aprendizagem dos alunos, estudar em um ambiente agradável facilita a aquisição o conhecimento e explora os sentidos.

3 O Ambiente Alfabetizador

No momento em que remetemos à organização do trabalho pedagógico em ciclos de alfabetização pensamos em um item indispensável: a

maneira na qual é organizado o ambiente formativo nos ciclos de alfabetização. O professor é o responsável por organizar o ambiente e esse local é de suma importância para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem daquele aluno. É dentro desse ambiente onde a criança vai passar a maior parte do tempo.

Para entendermos melhor sobre o ambiente alfabetizador, precisamos refletir um pouco sobre conceito de espaço e ambiente, onde são conceitos distintos, porém, muitas vezes confundido por algumas pessoas que acham que possuem o mesmo significado.

O espaço acaba tornando-se uma condição básica para poder levar adiante muitos dos outros aspectos-chave. As aulas convencionais com espaços indiferenciados são cenários empobrecidos e tornam impossíveis (ou dificultam seriamente) uma dinâmica de trabalho baseada na autonomia e na atenção individual de cada criança (ZABALZA, 1998, p. 50).

Forneiro (1998) determina, conceitualmente, uma considerável diferença entre espaço e ambiente. Ele menciona aos espaços como “[...] locais para a atividade caracterizada pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário e pela decoração” (1998, p. 232). Ou seja, os espaços compõem locais de aprendizagem e desenvolvimento, juntamente com seus qualificativos físicos. Já o ambiente, associa-se ao conjunto do espaço físico e das relações que nele surgem. O termo ambiente vem do latim, onde significa “ao que cerca ou envolve”; em outras palavras, poderia ser definido assim:

Como um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam dentro de uma estrutura física determinada que contém tudo e que, ao mesmo tempo, é contida por todos esses elementos que pulsam dentro dele como se tivessem vida. [...] o ambiente “fala”, transmite sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes (FORNEIRO, 1998, p. 233).

Considera-se que um ambiente é alfabetizador aquele que promove uma infinidade de situações de usos reais de escrita e leitura, onde conta com a participação efetiva das crianças.

O ambiente alfabetizador no momento que é construído tem que ser pensado visando o bem-estar e o aprendizado da criança. Quando o professor cria um ambiente alfabetizador significa organizar a sala de aula com uma infinidade de materiais com ilustrações e palavras que atraiam a atenção das crianças e o mais importante de tudo é que esses materiais que compõem tenha um significado para as crianças, pois não adianta um professor encher sua sala de aula com imagens e palavras sem sentido para a turma, apenas por decoração. Com relação a sua organização, não deve apenas prezar a beleza estética que ele terá, o professor tem que utilizar pedagogicamente os recursos que ele escolheu utilizar para decorar aquela sala de aula.

Quando um professor resolve construir um ambiente alfabetizador deve pensar em seis itens cruciais para que esse ambiente possa dar certo, são eles: a acessibilidade, a identidade, o movimento, a estimulação dos sentidos, a interação, a segurança.

A acessibilidade/autonomia das crianças, onde elas possam executar atividades sozinhas e de forma independente.

A identidade: Nesse item a sala será organizada com objetos onde a criança se encontre, sejam elas atividades realizadas na escola e expostas nas paredes da sala para que quando a criança olhe identifique sua contribuição e saiba o significado daquela atividade, brinquedos que a criança possa trazer de casa, livros, fotos que ela ache relevante, etc. O professor deve respeitar o gosto da criança e anexar isso ao seu ambiente.

O movimento: o professor deve organizar a sala deixando ambientes com espaços seguros e amplos, para que as crianças possam ter liberdade de se movimentar e brincar livremente.

A estimulação dos sentidos: o professor deve trazer para o ambiente objeto que provocam a curiosidade e que surja a necessidade de as crianças quererem experimentar novas sensações, através de cores, sons, aromas, sabores, texturas, formas, etc.

A interação: Que é a construção de espaços coletivos que promovam relações entre as crianças e com os adultos, onde haverá a troca de experiências entre eles e diferentes desafios que surgirão ao longo da interação.

A segurança: Um fator importante que compõe o ambiente alfabetizador é a segurança, a sala de aula precisa conter móveis adequados a quantidade e ao tamanho das crianças, o local deve ser bem iluminado, arejado e bem higienizado, é importante que contenha materiais de boa qualidade, bem resistentes e que possam ser limpos facilmente. Que as tomadas e fios elétricos não sejam acessíveis às crianças.

Os professores enquanto mediadores da aprendizagem tem o dever de transformar a sala de aula em um espaço em que o aluno esteja em contato permanente com materiais escritos e visuais que sejam significativos, ou seja, um ambiente em que a criança tenha como pensar sobre o que quer ler e escrever.

Toda escola, independentemente do segmento em que atue, ou da proposta que assuma, deve preocupar-se em estruturar e consolidar um ambiente formativo – ambiente este que passa não só pelo espaço físico claro e arejado, sua organização e mobiliário, configurando-se como um espaço escolar acessível, inclusivo, com oferta quantitativa de material e equipamentos variados e de qualidade; mas também pelas relações ali engendradas (MENDONÇA, 2013, p.4).

É imprescindível que o professor ofereça as oportunidades diversificadas ao seu aluno, mas que acima de tudo o educador possa exercer o papel de companheiro experiente, que proporciona o saber de informações pertinentes para sua turma, que quando necessário faz intervenções pedagógicas apropriadas e que estimule a curiosidade das crianças.

Quando crianças que mantêm contato corriqueiramente com adultos que fazem uso da leitura e da escrita cotidianamente, podem desenvolver desde cedo, o pensar sobre a língua e seus usos, construindo ideias sobre como se lê e como se escreve.

Segundo Ana Teberosky (2003), os professores como guias deste processo possuem a responsabilidade de criar um ambiente alfabetizador rico em materiais apropriados, levando em conta o conhecimento prévio dos alunos, garantindo um trabalho contínuo e gradativo para o processo de aprendizagem.

Portanto, é de extrema importância que as crianças mantenham contato direto com um acervo de livros e materiais escritos, que seja de agrado daquele aluno, para que assim possa estimular o prazer pela leitura e contribua no processo de aquisição do conhecimento.

4 O professor e o uso dos gêneros

Os usos dos gêneros textuais em ambientes alfabetizadores são de suma importância, pois a experiência com uma variedade de diferentes gêneros é fundamental para a composição do ambiente de letramento. O professor deve fazer uso constante com diferentes textos em sala de aula, pois a utilização dos gêneros textuais nas aulas oferecerá as crianças oportunidades para que os alunos possam entrar em contato com os gêneros textuais.

O professor deve observar a sala como um grande ateliê e ter um olhar sobre seus alunos como parte desse grande ateliê. É importante o professor aplicar atividades que possam ser refletidas e que tenha sentido para seus alunos. Fazer com que eles considerem que a sala de aula não é o único lugar para se aprender. Se ele quer ensinar sobre determinado assunto, por que não se libertar do livro didático? Existem tantas possibilidades de dar aulas de maneiras variadas, mas por que sempre optar a ficar na mesmice do livro didático.

O ideal é que o professor tenha o livro didático apenas como uma das ferramentas entre tantos outros instrumentos que são capazes de lhes proporcionar maneiras de fornecer um ensino de qualidade. Soares (2002, p. 2) aponta as dificuldades vivenciadas pelo professor quanto à utilização do livro didático:

Há o papel ideal e o papel real. O papel ideal seria que o livro didático fosse apenas um apoio, mas não o roteiro do trabalho dele. Na verdade, isso dificilmente se concretiza, não por culpa do professor, mas de novo vou insistir, por culpa das condições de trabalho que o professor tem hoje. Um professor hoje nesse país, para ele minimamente sobreviver, ele tem que dar aulas o dia inteiro, de manhã, de tarde e, frequentemente, até a noite. Então, é uma pessoa que não tem tempo de preparar aula, que não tem tempo de se atualizar. A consequência é que ele se apoia muito no livro didático. Idealmente, o livro didático deveria ser apenas um suporte, um apoio, mas na verdade ele realmente acaba sendo a diretriz básica do professor no seu ensino (SOARES, 2002, p. 2).

Diante disso podemos perceber que o livro didático é muitas vezes o único suporte que o professor trabalha, os gêneros textuais estão para contribuir para a mudança desse roteiro, por isso o trabalho com gêneros textuais em sala de aula deve ser contínuo. O professor pode organizar sua sala de maneira que tenha variedade literária exposta na sala de aula. Uma sugestão para que isso ocorra é o cordão literário, onde é amarrado um barbante de um canto a outro da sala e são presos neles diversos livros, jornais, receitas, bilhetes, ou seja, a diversidade de gêneros textuais expostas de forma acessível para os alunos.

Quando o professor dos ciclos de alfabetização resolve trabalhar a organizando a sala em cantos de atividades diversas, possibilita também um meio que contém importantes aprendizados para as crianças, o da transformação do seu ambiente de estudo e do descobrimento de que muitos mundos cabem numa única sala.

O cantinho da leitura é outra sugestão de como deixar os diversos gêneros textuais de maneira acessível para as crianças. O professor reservar um canto da sala e deixar nesse lugar um acervo com vários livros e gêneros textuais diversificados para que os alunos possam pegar e ler. Nesse contexto percebemos a importância da utilização dos cantinhos pedagógicos em sala de aula. Se tratando em gêneros textuais, é importante que o professor faça a utilização do cantinho da leitura e que possa de fato utilizá-lo como ferramenta de ensino.

Com a utilização dessas sugestões em sala de aula é importante que o aluno também traga de casa o que deseja ler, e poder deixar sua contribuição para ele e seus colegas. O professor é o conciliador do processo de ensino e aprendizagem, e por isso não deve acomodar-se com uma sala vazia ou com espaços abertos; o educador necessita modificar o espaço de sua sala de aula para um ambiente agradável, aconchegante, para que desta maneira as crianças sintam-se seguras e confortáveis, fazendo assim, com que a criança se desenvolva.

Portanto, integrar os gêneros textuais em sala de aula juntamente com os conteúdos que serão ministrados deve ser encarado como algo

estimulante e desafiador tanto para o docente como para os alunos. Pois a partir dele a criança irá fazer novas descobertas. E o educador tem que saber fazer essa associação de maneira que incentive o prazer pela leitura e escrita, juntamente com um ambiente que propicie um melhor aprendizado, pois o ambiente tem papel fundamental para o desenvolvimento do aprendizado da criança, um ambiente rico em gêneros textuais e que tenha interação entre os alunos será, com objetos e materiais diversos o processo de desenvolvimento ocorrerá em sua plenitude.

5 Metodologia

Pesquisar é o ato de buscar novas informações que gerará novos conhecimentos em uma determinada área. Ela é uma via de conhecimento e informações que servirá para o progresso de várias pessoas presentes nos grupos científicos, cultural, tecnológicos e entre outros.

Através da pesquisa que geraremos o conhecimento necessário para que possamos compreender melhor algumas situações. Ela tem que estar presente na nossa vida, pois sem ela não haverá respostas para nossas indagações. Seu conceito envolve, além de levantamento de informações, a construção de um novo conhecimento.

O tipo de abordagem da pesquisa utilizada nesse trabalho foi qualitativo, pois para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (p. 22), ou seja, a pesquisa qualitativa vai à busca das características do determinado objeto de estudo.

A pesquisa de campo não é uma simples coleta de dados, é a hora que você estará inserido em campo para verificar se tudo que foi colocado na pesquisa bibliográfica está sendo seguido na prática. É um meio de verificação sobre o que foi posto, organizados por objetivos preestabelecidos que deixam explícito o que deve ser observado.

A duração dessa pesquisa de campo foi de 40 (quarenta) horas, e se constituiu em quatro fases. A primeira fase da pesquisa era voltada para a observação do uso dos gêneros textuais em ciclos de alfabetização. Realizamos a observação em turmas de 2º e 3º anos do primeiro ciclo.

Após a fase de observação, iniciamos às entrevistas com as professoras sobre a organização do trabalho pedagógico, com a inclusão dos gêneros textuais em suas aulas. Após as observações e as entrevistas, realizamos a análise documental, onde estavam inclusos os planos de aula dos professores e o projeto político pedagógico da instituição.

A pesquisa realizada foi um estudo de caso que se trata de uma forma particular de estudo, na qual o pesquisador escolhe o objeto a ser estudado. Segundo Yin (2005) trata-se de uma forma de se fazer pesquisa investigativa de fenômenos atuais dentro de seu contexto real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidos.

As entrevistas foram realizadas com as professoras dos ciclos de alfabetização acerca de entender melhor como seria o uso dos gêneros textuais nos ciclos de alfabetização. Com a realização dessas entrevistas, percebemos que as duas entendem o quão é importante à utilização dos gêneros textuais em sala de aula. Porém, a professora do terceiro ano não os usa com tanta frequência, pois prefere seguir o que o livro didático sugere. Já a professora do segundo ano, de acordo com as entrevistas e as observações em sala de aula, deu para perceber que em suas aulas o uso dos gêneros textuais é mais predominante.

Reconhecendo a necessidade da realização da observação participante, uma escola Municipal do município de João pessoa foi o local escolhido para a realização de toda a pesquisa de campo. A escola foi escolhida por boas experiências que vivenciadas na mesma, em outras situações, como foi o caso dos Estágios Supervisionados I, III e IV, que realizamos na instituição. A pesquisa foi realizada em duas salas do ciclo de alfabetização, segundo e terceiro anos, pois tivemos o interesse de saber se nessas turmas as professoras utilizavam os gêneros textuais com frequência e se os alunos gostavam da utilização deles em sala de aula. Essas observações foram realizadas no período de duas semanas no turno vespertino.

A escola foi muito receptiva com relação a nossa chegada e nos acolheu muito bem. Explicamos o que queríamos fazer nas salas de aula e fomos até as salas escolhidas para nos apresentarmos as professoras. Na primeira semana, ficamos com a turma do segundo ano, onde foram complementadas as 20 (vinte) horas de observação e na semana seguinte com a turma do terceiro ano, onde foram complementadas as outras 20 (vinte) horas. A chegada às duas turmas escolhidas para realização da pesquisa foi muito boa. As professoras nos receberam muito bem.

Porém, na turma do terceiro ano é bem rara a utilização dos gêneros textuais, apesar do ambiente alfabetizador conter o cantinho da leitura, alfabeto, quadro do clima e ajudante do dia, a professora não os utilizam e com relação as suas atividades e conteúdos ministrados só trabalha com o que o livro didático propõe e o que acha que as crianças poderão gostar e estão inclusas atividades impressas, que envolvem cruzadinhas e até caça-palavras.

Já na turma do segundo ano, não possui um ambiente alfabetizador bem planejado, as paredes possuem apenas cartazes de duas atividades recentemente realizadas pelos alunos, que já estão até descolando, porém, a professora procura atividades que envolvam a leitura de livros de histórias, contação de histórias realizada pelos alunos e que tenha associação com os conteúdos ministrados.

Assim sendo, a partir de todos os dados gerados a partir dos instrumentos de coletas de informação, a seguir socializamos os nossos resultados da pesquisa desenvolvida.

6 Resultados e discussões

A organização da aula no ciclo de alfabetização é fundamental para que se tenham resultados positivos, diante disso, perguntamos as professoras como se dá as aulas delas a partir do uso dos gêneros textuais. Elas responderam:

Através de livros didáticos, através de historinhas, de vídeos quando consigo, quando estou trabalhando fábulas, livrinhos paradidáticos também. A gente trabalha bastante com essas coisas (Professora do segundo ano).

Primeiramente eu explico o conteúdo, de que se trata esse gênero textual, depois eu vou para a questão da prática, da didática com os meninos, como ontem eu dei aula de biografia, eu fui explicar o que era o tema, aí eles foram ler uma biografia, aí depois eles foram retirar as informações principais que contém uma biografia. Então eu parto do geral, de algo mais amplo e vou dividindo esse conteúdo em sala de aula com os meninos (Professora do terceiro ano).

Podemos comprovar por meio das observações realizadas que a turma do segundo ano teve uma maior variedade de situações que trabalham os gêneros textuais, sempre associadas ao conteúdo ministrado. Já na turma do terceiro ano, em 20 horas de observação, só percebemos a utilização de gêneros textuais uma vez, e ela não trabalhou de um jeito de fácil compreensão, pois foi perceptível que eles não compreenderam o conteúdo. Na hora em que ela mandou retirar as informações para responder o exercício, a maior parte da turma não soube responder. Marcuschi (2005) afirma que os gêneros textuais são:

Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem aparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em

relação à sociedade anteriores à comunicação escrita (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

Quando questionadas sobre a organização do ambiente alfabetizador as respostas foram as seguintes:

Eu acredito que ele tem que ser um ambiente onde as crianças possam estar visualizando as sílabas, sabe? Um ambiente que visualmente possa estar despertando e lembrando as crianças aquilo ali. No momento não temos isso. Esse ambiente não é um ambiente alfabetizador (Professora do segundo ano)

Eu organizo assim, primeiramente as cadeiras postas e faço cartazes (Professora do terceiro ano).

Com as observações que fizemos, podemos perceber que de fato a turma do segundo ano não tem um ambiente alfabetizador, porém, a professora está aos poucos construindo juntamente com os alunos. Já a professora do terceiro ano deu a entender que ela não sabe ao certo o que seria um ambiente alfabetizador, mas de acordo com o que vivenciamos, a sala possui sim um ambiente alfabetizador, mas a professora não o explora. A sala possui alfabeto, cartazes com trabalhos dos alunos, um quadro do sistema solar, um quadro sobre como está o clima e um cantinho da leitura. Segundo Edwards; Gandini e Forman (1999):

[...] O ambiente é visto como algo que educa a criança; na verdade, ele é considerado o “terceiro educador”, juntamente com a equipe de dois professores. A fim de agir como um educador para a criança, o ambiente precisa ser flexível; deve passar por uma modificação frequente pelas crianças e pelos professores a fim de permanecer atualizado e sensível as suas necessidades de serem protagonistas na construção de seu conhecimento. Tudo o que cerca as pessoas na escola e o que usam – os objetos, os materiais e as estruturas – não são vistos como elementos cognitivos, passivos, mas, ao contrário, como elementos que condicionam e são condicionados pelas ações dos indivíduos que agem nela [...] (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p. 157).

Portanto, de acordo com o que observamos e colhemos por meio das entrevistas, a organização da aula na turma do segundo ano é bem planejada e executada, porém, na turma do terceiro ano a aula não tem um bom planejamento e faltam atividades que envolvam os gêneros textuais. Desse modo, quando a professora inclui em suas aulas, não são atividades que despertam o prazer nas crianças.

Percebemos que a turma do terceiro ano não tem vivências com o uso dos gêneros textuais em sala de aula. Diante disso, perguntamos as professoras se elas sentiam dificuldades de inserir os gêneros textuais em suas aulas e o porquê. As respostas foram as seguintes:

Não, não sinto dificuldades em inserir os gêneros não. Pelo menos o que o livro traz, porque eu trabalho o que a gente traz no livro didático. Então assim, o que ele traz está sendo possível trabalhar. Não estou sentindo dificuldade não (Professora do segundo ano).

Sim, porque não é algo do cotidiano dos meninos. Alguns dos meus alunos gostam de ler, eles se interessam bastante, outros não e por que não são coisas que eles usam diariamente em casa ou em revistas eles tem certa dificuldade de entender o porquê de eles estarem estudando (Professora do terceiro ano).

Os gêneros textuais não precisam ser utilizados somente quando o livro pede. Eles são inúmeros e por eles serem tão diversificados, as possibilidades de trabalhar em sala aula são diversas. As crianças estão em contato diário com os gêneros textuais, assistindo uma reportagem, vendo uma embalagem de um produto que os agradam, vendo uma reportagem, observando no caminho um *outdoor*. Isso são situações cotidianas que incluem os gêneros textuais. Se o estudo for com base no que eles observam no dia a dia sobre os gêneros textuais a aula se tornará mais produtiva. Albuquerque (2005) alega que:

Propiciar aos aprendizes a vivência de práticas reais de leitura e produção de textos não é meramente trazer para a sala de aula exemplares de textos que circulam na sociedade. Ao se ler ou escrever um texto, tem-se a intenção de atender a determinada finalidade. É isso que faz com que a situação de leitura e escrita seja real e significativa (ALBUQUERQUE, 2005, p. 97).

Perguntamos também que experiências elas já tiveram ao trabalhar os gêneros textuais. E as respostas foram:

Ano passado teve uma experiência muito boa na questão das fábulas, quando eu trabalhei o leão e o ratinho, a gente fez a apresentação, a gente apresentou na quadra para as outras turmas, assim, foi bem positivo. Os alunos se envolveram bastante. Despertou a questão da produção de texto nos meninos, me surpreendi com alguns que já conseguiram fazer algumas frases recontando a fábula. Outra experiência foi a questão do bilhete que eles se interessam para escrever bilhetinho para o colega, então se utilizar desse despertar deles de escrever para o outro para trabalhar o gênero, a utilidade do gênero, porque a gente escreve um bilhete, para que serve o bilhete (Professora do segundo ano).

Uma experiência bem bacana mesmo foi a questão da reportagem, para eles retirarem e saber identificar que ali é uma reportagem. Aí eu pedi em jornal, fui identificar cada parte, aí quando eles fizeram a pesquisa e trouxeram para a sala de aula eles já sabiam identificar (Professora do terceiro ano).

Diante disso, ratificamos que experiências que oriundas do trabalho com os gêneros textuais, manterá a criança atenta ao conteúdo ministrado, pois ela vai perceber que a aula estará de maneira lúdica, porém, cumprindo seu papel de levar o conhecimento. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997), o objetivo do trabalho com a leitura é promover a formação de leitores competentes:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar

a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos (BRASIL, 1997, p. 54).

Portanto, apesar das dificuldades que alguns profissionais dizem enfrentar, incluir os gêneros textuais em suas aulas é necessário. É a partir da inserção dos gêneros textuais em suas aulas, os alunos poderão identificar os mais diversos gêneros que permeiam no seu cotidiano, despertar o gosto pela leitura e melhorar a escrita.

Considerações finais

Os gêneros textuais estão presentes no cotidiano de todos nós. Diante disso, trabalhar com os gêneros em sala de aula é preciso, pois, a partir da leitura e identificação deles, o professor estará formando leitores e escritores autônomos e com senso crítico. A alfabetização por meio dos gêneros textuais deixará o trabalho do professor mais didático e o interesse dos alunos será maior, com isso o processo de aprendizagem será melhor.

Com a inserção dos gêneros textuais com o propósito de alfabetizar, o professor tem que aliar suas práticas de alfabetização com o letramento. Essas duas práticas são indissociáveis, pois alfabetizar sem letrar é formar leitores que não compreendem o que está escrito, e já letrar sem alfabetizar, o aluno não conseguirá ler e escrever.

Esse trabalho teve por objetivo geral compreender como as professoras na organização do seu trabalho pedagógico utilizam os gêneros textuais em sala de aula no processo de alfabetização e letramento. Nesse sentido, a concepção sobre a utilização dos gêneros textuais no processo de alfabetização delas é diferenciada também, pois a professora do segundo ano afirmou que as crianças se interessam pelo livro, ou o gênero trabalhado já vai querer tentar ler o que está escrito para não depender de um adulto. Já a professora do terceiro ano, acha importante, pois os alunos irão saber identificar os gêneros estudados quando encontrar em alguma situação vivida.

Vale salientar ainda que a aula organizada pela professora do segundo ano é planejada no final de semana, utiliza o gênero textual de maneira lúdica e sempre faz uma atividade ao final de cada aula, percebemos que os alunos conseguiram responder bem essas atividades. No período de observação na turma do terceiro ano, só verificamos o uso dos gêneros textuais apenas uma vez, nitidamente não havia planejamento e ao final da explicação do conteúdo, as crianças tiveram muitas dificuldades em responder a atividade solicitada pela professora.

Portanto, percebemos o quanto os gêneros textuais são importantes no contexto da alfabetização

nos ciclos, pois a partir dele os alunos têm novas possibilidades de aprender e de se tornarem leitores e escritores autônomos e críticos. A partir dessa pesquisa compreendemos que a alfabetização e o letramento não podem se dissociar, pois um processo complementa o outro e não existe uma alfabetização sem letramento. Acreditamos que essa pesquisa tenha dado uma contribuição para os profissionais de educação que possam utilizar mais os gêneros textuais em suas aulas, e assim refletir sobre uma educação melhor para os alunos do ciclo de alfabetização.

Referências

- ALBUQUERQUE, Eliana B. C. et al. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BOLZAN, Doris Pires. **Aprendizagem docente e processos formativos: movimentos construtivos da professoralidade na Educação básica e Superior**. Relatório final do projeto de pesquisa interinstitucional e integrado, registro no GAP n. 025821. CNPq/PPGE/CE/UFMS, 2011-2013.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 07 fev. 2017.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos espaços na educação infantil. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade da educação infantil**. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação Escolar: práticas, estruturas e organização**. São Paulo: Cortez, 2012.
- LIMA, Elvira Souza. **Ciclos de Formação: uma reorganização do tempo escolar**. São Paulo: Sobradinho, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In.: DIONÍSIO, A. P. **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MENDONÇA, Rosa Helena. **O ambiente formativo no ciclo de alfabetização**. Maio, 2013. TV Escola/Salto para o Futuro.
- MENEGOLLA, Maximiliano. SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?** 10ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MINAYO, Maria. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.09-29.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil: mais que atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágio**. 6. Ed. Campinas: Papyrus, 2007. 175-199.

SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução Roxane Rojo e Glais S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES M. B. **Novas práticas de leitura e escrita:** letramento na Cibercultura. Educação e Sociedade: dez. 2002, v. 23. n. 81, p. 141-160.

TEBEROSKY, Ana. **Aprender a ler e escrever:** uma proposta construtivista. Porto Alegre: 2003.

TURRA, C. M. G.; ENRICONE, D.; SANT'ANNA, F. M.; ANDRÉ, LENIR CANCELLA. **Planejamento de ensino e avaliação.** 11. ed. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzato, 1995.

YIN, R.K. **Estudo de caso.** Planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil.** Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre, Artmed, 1998.